



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal "real"; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

A temporalidade animal nas análises antropológicas das relações humano-animal

Autoria: Bruna Mariz Bataglia Ferreira (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

É possível afirmar que a emergência dos conceitos modernos de humano e de animal se dá fundamentalmente a partir de uma perspectiva temporal, isto é, de necessidade de distinção em termos temporais do que é o humano e do que é o animal. Essa perspectiva temporal se daria em três dimensões: uma temporalidade da vida cotidiana, mais prática; uma temporalidade da vida biológica, um tempo biográfico; e, por fim, uma temporalidade histórica da longa duração. Com isso, o humano é temporalmente definido como aquele que tem a capacidade racional (calculista) e linguística de não viver uma vida imediatamente ligada às suas necessidades fisiológicas, que dotado de memória e razão pode articular passado, presente e futuro, e, assim, é capaz de criar instituições que permitem falarmos de uma longa duração. Ao revés, o animal é conceituado como aquele cuja temporalidade é reduzida à imediaticidade do presente (ideia presente na famosa afirmação de Heidegger "o animal é pobre de mundo"), uma vez que não possui as capacidades de memória, de razão e de linguagem, o que justamente lhe impediria de articular passado, presente e futuro. Tampouco o animal pode estar inserido em um contexto social-institucional de longa duração, já que o ambiente que lhe cabe é o da natureza, fadado à imutabilidade, já que é, desde



sempre, dado. Natureza essa compreendida como o mundo físico-material, em que impera o domínio dos fatos vs. o domínio dos valores, o componente inato ou constante do comportamento humano em oposição a seu componente adquirido ou variável, o espontâneo e necessário vs. o artificial e convencional, justamente onde impera a animalidade em oposição a humanidade. (Viveiros de Castro, 2016) A partir destes pressupostos, assumindo a crítica ao discurso antropológico partindo de algumas questões levantadas por Johannes Fabian em seu work O Tempo e o Outro sobre a função constitutiva do tempo na antropologia anglo-americana e francesa, mas direcionando-as para a questão animal, isto é, o animal como o Outro, pretendo selecionar e analisar alguns recentes works brasileiros de antropologia das relações entre humanos e animais, buscando identificar se e de que forma essa temporalidade animal é representada, e os efeitos político-jurídicos que podem ser revelados a partir desta representação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: